



## A EXPANSÃO DO BRICS: DESAFIOS E INCERTEZAS

## THE EXPANSION OF BRICS: CHALLENGES AND UNCERTAINTIES



# Policy Brief

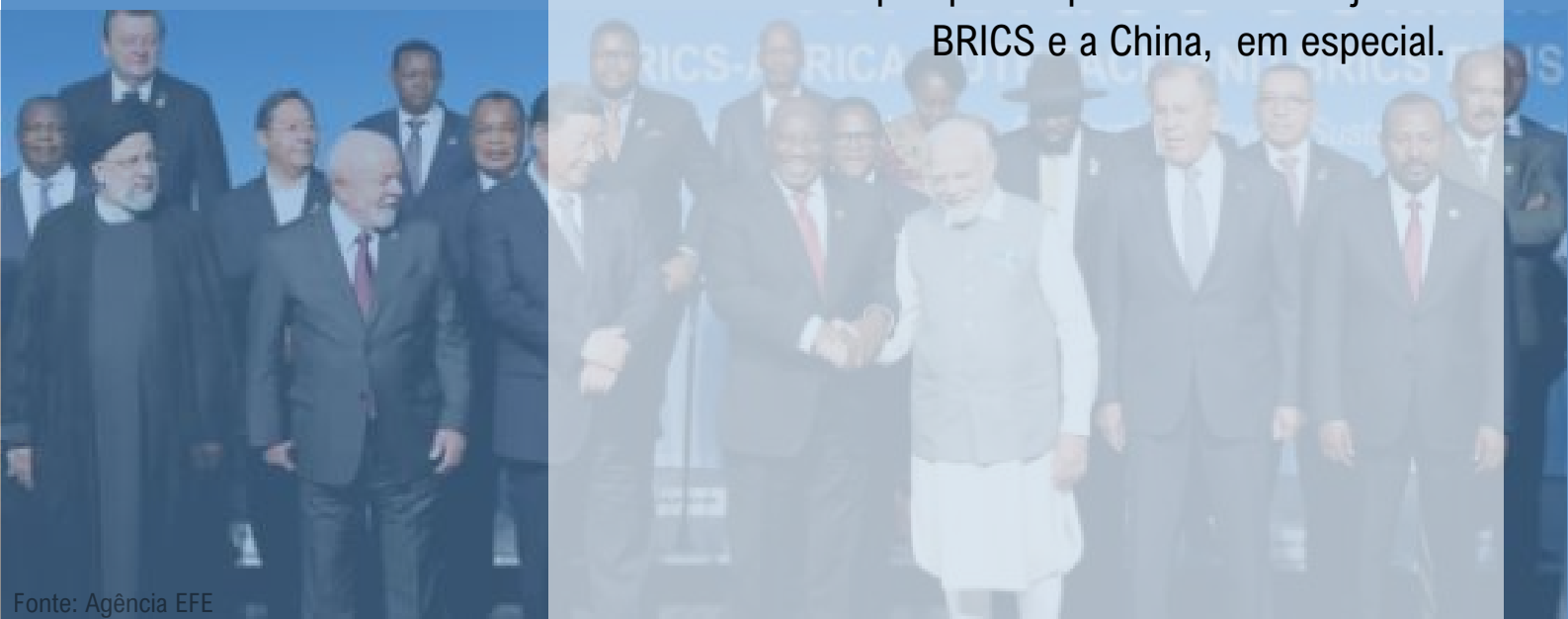
V. 1, N. 2, 2023

# O Autor

## William Daldegan



Professor e pesquisador do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFISP), no curso de Relações Internacionais, e coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil. É doutor em Relações Internacionais pelo San Tiago Dantas (UNESP/ UNICAMP/ PUC-SP). Atualmente, coordena o Grupo de Pesquisa "Economia, Política e Desenvolvimento Internacional" (UFPel) e desenvolve pesquisas que tem como objeto o BRICS e a China, em especial.



Fonte: Agência EFE

## A EXPANSÃO DO BRICS: DESAFIOS E INCERTEZAS

Argentina, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã foram anunciados como novos membros permanentes do BRICS. O anúncio veio acompanhado da promessa de definição de critérios para futuras novas adesões. As negociações para a expansão sofreram grande pressão dos chineses que defendiam uma abertura mais ampla estimulando a candidatura de algumas dezenas de países.

Por sua vez, Brasil e Índia resistiram ao movimento e negociaram, junto com a África do Sul, um posicionamento mais assertivo de Rússia e China por uma reforma mais ampla na ONU, em especial, o Conselho de Segurança do órgão. A expansão, porém, amplia as incertezas quanto o futuro do BRICS.

12 anos após a primeira expansão, com a África do Sul, e 6 anos após a ideia chinesa de expansão, 2017, que ganhou força no último ano, 2022, a decisão de integrar 6 novos membros tão diversos preservou a lógica de funcionamento do grupo: dependente da percepção de seus membros acerca da conjuntura internacional, preservação da independência para estratégias e iniciativas individuais e sem nenhum esforço de institucionalização do grupo [1].

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul tem trabalhado ao longo dos anos a fim de, por meio do consenso, estabelecer posições conjuntas acerca de temas caros à agenda internacional. Foi assim, e permanece, a reivindicação por uma governança financeira mais representativa – uma crítica direta a estrutura de quotas e votos do Fundo Monetário Internacional (FMI). Em meio a crise da Crimeia, de 2014, e do recente conflito entre Rússia e Ucrânia os países defenderam a resolução do conflito por meio do diálogo e não apoiaram propostas de sanções direcionadas aos russos. E, diante da pandemia de Covid-19, e apesar da ausência de ações não concertadas, considerado um erro estratégico por muitos, instrumentalizaram seu Banco, o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), para linha de crédito emergencial para ações de contenção dos efeitos da crise sanitária.

O Banco, maior exemplo do alcance e vitalidade do BRICS, materializa a insatisfação do grupo com a governança financeira global sem rivalizá-la. Com o objetivo de complementar as linhas de crédito existentes, apreciou 123 projetos entre 2016 e 2022 e mobilizou mais de US\$30 bi. Tem o rating AA+ [2], muito decorrente da rating chinês, e apesar de advogar agilidade da análise de projetos o mesmo não ocorre quanto a liberação de recursos [3]. O esforço de cooperação para com o estabelecimento do Banco contrasta com as estratégias e iniciativas paralelas que seus membros vêm adotando nos últimos anos.

Destaque para a China que, mesmo grande entusiasta do BRICS e do NDB, vem promovendo seu Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), a Iniciativa do Cinturão e da Rota (BRI) e a Parceria Regional Abrangente (RCEP). Essas duas com objetivos diferentes do BRICS. Ora, porque não explorar as potencialidades do BRICS? Porque os chineses veem a estrutura de consenso como uma amarra e porque a própria estrutura do BRICS não impõe qualquer constrangimento à ação individual de seus membros. Logo, natural e esperado que os países busquem diferentes estratégias de defesa de seus interesses. É o que a China tem feito.

A ausência de uma estrutura de constrangimentos e limitações tem garantido a resiliência do BRICS. A baixa ou nenhuma institucionalização do grupo permite que seus membros consensuem apenas pautas comuns. Além disso, garante que sua articulação ocorra sem a percepção de custos elevados para sua manutenção ao longo do tempo. O BRICS depende exclusivamente da vontade de seus membros em manterem conversações regulares sem depender de qualquer estrutura, como sede e burocracia. O BRICS se assenta nas Cúpulas anuais e suas declarações. Essas, são o único documento de caráter formal e oficial da articulação. Por outro lado, a inexistência de regras, normas e procedimentos desafia o BRICS em momento como o da sua expansão [4].

Ora, como analisar e justificar a escolha de 6 novos membros sem um aparato formal para nortear a decisão? A escolha de uns em detrimento de outros acaba gerando um constrangimento diplomático para os BRICS, individualmente e no coletivo, diante do elevado interesse demonstrado ao longo dos últimos meses. Sobretudo, reforça críticas quanto a imagem e a representação que o BRICS construiu desde sua fundação.

O BRICS é reconhecido por congregar economias emergentes muito diferentes político, econômico e socialmente. Reúne 2 das 5 maiores economias do planeta – China e Índia [5]. Se esforça, mesmo sem muita coesão, para ser voz do mundo em desenvolvimento. Sua expansão foi justificada, na manhã de 24 de agosto, ao término de sua XV Cúpula em Johannesburgo (África do Sul), como necessária para adaptar o grupo a conjuntura internacional contemporânea dando maior diversidade e representatividade ao grupo. Afinal, com o anúncio, América Latina, África e Oriente Médio passam a ser melhor representados no grupo.

Consensuado entre seus membros o ingresso de Argentina, Egito e Etiópia reforçam a posição latino-americana e africana no BRICS. Argentina foi uma das primeiras a apresentar oficialmente sua candidatura ao BRICS, ainda em 2022 [6]. O país acredita que sua associação ao grupo será capaz de fortalecer sua imagem e contribuir para recuperação de sua economia. O mesmo já demonstrou interesse em ingressar no NDB.

Por sua vez, Egito e Etiópia diminuem as críticas quanto a representatividade da África no grupo incluindo àquelas direcionadas a real liderança da África do Sul. Contou a favor do ingresso da Etiópia ser sede da União Africana (UA), explorada desde 2013 na Cúpula de Durban, como principal meio de adensamento de relações entre os membros e o continente. Já o Egito, segunda maior economia do continente africano, atrás de Nigéria, ingressou no NDB em 2023 pouco depois dos Emirados Árabes Unidos, em 2021, também anunciado novo membro do BRICS [7].

Por fim, e talvez mais polêmico, o ingresso de Arábia Saudita e Irã confere um conjunto de desafios ao BRICS. Tanto de ordem política quanto de ordem econômica. Politicamente são dois países não democráticos sendo a Arábia Saudita uma monarquia e o Irã um república teocrática que tem como chefe de Estado vitalício seu líder religioso. Diferentemente da Arábia Saudita que sustenta relativa simpatia do Ocidente, as relações diplomáticas do Irã com os EUA estão rompidas há décadas e sanções são recorrentemente impostas ao país. Economicamente, os dois países são membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), sendo os sauditas o maior deles [8] e também a maior economia do Oriente Médio. Isso agrega ao BRICS, diante de uma disputa cada vez mais acirrada por acesso a recursos energéticos, um poder de influência novo.

O ingresso desses últimos, por fim, levanta o argumento do BRICS enquanto contraponto ao G-7 [9] e à ordem liberal internacional. Argumento que autoridades brasileiras, em especial, fizeram questão de negar. O presidente brasileiro, Luis Inácio Lula da Silva, e seu ministro da Economia, Fernando Haddad, foram taxativos ao declarar que não é intenção do BRICS se contrapor ao G-7, ao G-20, nem aos EUA [10]. Para esses, o BRICS e sua expansão reflete um interesse compartilhado de seus membros em organizar o Sul Global e defender pautas importantes para os países em desenvolvimento. Advogar por reformas nos organismos internacionais a fim de que esses reflitam a atual e real distribuição de poder e reconheçam a importância de países como os BRICS para a política e a economia mundiais.

A mudança sutil mas clara de posicionamento do BRICS sobre o Conselho de Segurança na ONU (CSNU) dá indicativos que a negociação para sua expansão foi acirrada e gerou ganhos, até agora discursivos, à Brasil e Índia especialmente. A Declaração de Cúpula é literal ao defender num CSNU “mais democrático, representativo, eficaz e eficiente e aumentar a representação dos países em desenvolvimento nos membros do Conselho [...] incluindo Brasil, Índia e África do Sul, de desempenharem um papel mais importante nos assuntos internacionais, em particular nas Nações Unidas, incluindo o seu Conselho de Segurança” [11].



China principal apoiador da ideia de expansão e Rússia, demandante por um BRICS mais amplo capaz de criar e fortalecer pontes frente às sanções do Ocidente, tiveram de flexibilizar sua posição quanto à essa histórica demanda de seus parceiros. Se isso será materializado, só o tempo dirá mas é uma mudança fundamental de posicionamento.

A expansão não encerra um conjunto de incertezas quanto ao futuro do BRICS, ela amplia. Se por um lado reforça o reconhecimento e peso do BRICS na política internacional por outro, desafia o grupo quanto à sua coesão e institucionalidade. Será capaz de traduzir o peso político em ações concretas? Será percebido como um contraponto ao G-7? Como admitirá novos membros? Sob quais critérios? Permanecerá como um grupo de caráter informal ou adotará regras e normas? Essas são apenas umas das inúmeras perguntas que o mercado e a academia se debruçarão mais detidamente a partir de agora.



Fonte: cxglobal

## Referências

[1] DALDEGAN, William; CARVALHO, Carlos Eduardo. Brics as a Dynamic and in Process Phenomenon of Global Planning: An Analyse Based on the 2009-2020 Annual Summit Declarations. Estudos Internacionais. Revista de Relações Internacionais. v. 10, n. 1, 2022 - ABRIL / Belo Horizonte, PUC/MG. ISSN: 2317-773X.

DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2022v10n1p117-147>

[2] NEW DEVELOPMENT BANK. 'AA+/A-1+' Ratings Affirmed; Outlook Stable (February 28, 2023).

Disponível em/ Available in: <https://www.ndb.int/investor-relations/credit-ratings/#tabbed-standard>

[3] HUMPHREY, Christopher. From Drawing Board to Reality The First Four Years of Operations at the Asian Infrastructure Investment Bank and New Development Bank. Working Paper of the G-24 & Global Development Policy Center of Boston. ETH Zürich Center for Development and Cooperation (NADEL). April 2020. DOI:

<https://doi.org/10.3929/ethz-b-000411422>.

[4] DALDEGAN, William. Opinion – Challenges for the Expansion of the BRICS. E-International Relations. Disponível em/ Available in: <https://www.e-ir.info/2022/06/09/opinion-challenges-for-the-expansion-of-the-brics>.

[5] THE WORLD BANK. World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files. 2023. Disponível em/ Available in:

[https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?most\\_recent\\_value\\_desc=true&view=chart](https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?most_recent_value_desc=true&view=chart).

[6] GLOBAL TIMES. More countries knocking on BRICS' door a sign the world needs fairer governance than West-dominated one. Opinion/Viewpoint. Published: Jul 16, 2022.

Disponível em/Available in: <https://www.globaltimes.cn/page/202207/1270661.shtml>.

[7] NEW DEVELOPMENT BANK. Founding Member Countries/New Members. 2023.

Disponível em/Available in: <https://www.ndb.int/about-ndb/members/>.

[8] ORGANIZATION OF THE PETROLEUM EXPORTING COUNTRIES (OPEC). Member Countries. 2023. Disponível em/Available in:

[https://www.opec.org/opec\\_web/en/about\\_us/25.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/25.htm).

[9] THE BRICS Club of Emerging Nations Debates Letting Others In. The New York Times. 2023. Disponível em/Available in:

<https://www.nytimes.com/2023/08/21/world/asia/brics-summit-members.html>.

[10] COLETTA, Ricardo Della. Lula nega que Brics queira se colocar como contraponto ao G7. Jornal Folha de São Paulo. 22.ago.2023. Disponível em/Available in: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/lula-nega-que-brics-queira-se-colocar-como-contraponto-ao-g7.shtml>>.

[11] XV BRICS Summit. Johannesburg II Declaration. BRICS and Africa: Partnership for Mutually Accelerated Growth, Sustainable Development and Inclusive Multilateralism. Sandton, Gauteng, South Africa. Wednesday 23 August 2023. Disponível em/Available in: <<https://brics2023.gov.za/wp-content/uploads/2023/08/Jhb-II-Declaration-24-August-2023-1.pdf>>.

# The Author

## William Daldegan



Professor and researcher at the Institute of Philosophy, Sociology, and Politics (IFISP), in the International Relations course, and deputy coordinator of the Postgraduate Program in Political Science at the Federal University of Pelotas (UFPel), Brazil. Holds a Ph.D. in International Relations from San Tiago Dantas (UNESP/ UNICAMP/ PUC-SP). Currently, coordinates the Research Group "Economy, Politics, and International Development" (UFPel) and conducts research focused on BRICS and China, in particular.



Fonte: Agência EFE

Argentina, Saudi Arabia, Egypt, United Arab Emirates, Ethiopia, and Iran were announced as new permanent members of BRICS. The announcement was accompanied by a promise to define criteria for future new memberships. The negotiations for expansion faced significant pressure from the Chinese, who advocated for a broader opening and encouraged the candidacy of dozens of countries. In contrast, Brazil and India resisted this movement and, along with South Africa, negotiated for a more assertive stance from Russia and China in favor of a broader reform in the UN, especially within the Security Council. However, this expansion raises uncertainties about the future of BRICS.

Twelve years after the first expansion with South Africa, and six years after the Chinese idea of expansion in 2017, which gained momentum in the last year, 2022, the decision to integrate six new members, each with diverse characteristics, maintained the group's operating logic: it depends on its members' perceptions of the international situation, preserves independence for individual strategies and initiatives, and makes no effort towards institutionalizing the group [1].

Originalmente publicado como artigo de opinião na Revista E-International Relations, disponível no link: <<https://www.e-ir.info/2023/08/29/opinion-the-expansion-of-brics-challenges-and-uncertainties/>>. Este trabalho foi produzido no âmbito do projeto “BRICS e China: Uma análise da Política Internacional Contemporânea”, financiado pela FAPERGS (Edital ARD 10/2021).

Brazil, Russia, India, China, and South Africa have been working over the years to establish joint positions on important issues in the international agenda through consensus. This includes a demand for more representative financial governance, which directly criticizes the quota and voting structure of the International Monetary Fund (IMF). Amid the Crimea crisis in 2014 and the recent conflict between Russia and Ukraine, these countries advocated for resolving the conflict through dialogue and did not support proposals for sanctions against the Russians. In response to the Covid-19 pandemic, despite the absence of uncoordinated actions, which many consider a strategic mistake, they utilized their bank, the New Development Bank (NDB), to provide emergency credit lines to address the effects of the health crisis.

The NDB is the prime example of the BRICS group's reach and vitality, reflecting their dissatisfaction with global financial governance without rivaling it. In an effort to complement existing lines of credit, the NDB approved 123 projects between 2016 and 2022, mobilizing over \$30 billion. It has an AA+ credit rating [2], largely due to China's rating, but despite advocating for project analysis agility, the same does not apply to the release of resources [3]. The cooperative effort to establish the bank contrasts with the parallel strategies and initiatives that its members have been adopting in recent years.

China stands out in this regard, as it has been promoting the Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB), the Belt and Road Initiative (BRI), and the Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP), all with different objectives from the BRICS. Why not explore the potential of BRICS? The Chinese view the consensus structure as a constraint, and the BRICS structure itself does not impose any constraints on the individual actions of its members. Therefore, it is natural and expected that countries seek different strategies to defend their interests, as China has been doing.

The absence of a structure of constraints and limitations has ensured the resilience of BRICS. The low or non-existent institutionalization of the group allows its members to only reach consensus on common agendas. Furthermore, it ensures that their coordination happens without a perception of high costs for its maintenance over time. BRICS relies solely on the will of its members to maintain regular discussions without depending on any formal structure, such as a headquarters or bureaucracy. BRICS is anchored in annual summits and their declarations. These declarations are the only formal and official documents of the coordination. On the other hand, the absence of rules, norms, and procedures challenges BRICS in moments like its expansion [4].

How can one analyze and justify the selection of six new members without a formal framework to guide the decision? The choice of some over others can create diplomatic constraints for BRICS, both individually and collectively, in the face of the high interest demonstrated in recent months. Above all, it reinforces criticisms regarding the image and representation that BRICS has built since its foundation.

BRICS is recognized for bringing together emerging economies that are very different politically, economically, and socially. It includes two of the world's top five economies – China and India [5]. It strives, even with limited cohesion, to be a voice for the developing world. Its expansion, justified at the end of its 15th Summit in Johannesburg on August 24, was deemed necessary to adapt the group to the contemporary international situation, providing greater diversity and representation to the group. After all, with this announcement, Latin America, Africa, and the Middle East become better represented within the group.

The entry of Argentina, Egypt, and Ethiopia into BRICS, as agreed upon by its members, strengthens the Latin American and African positions within the BRICS group. Argentina was one of the first countries to officially present its candidacy to BRICS, back in 2022 [6]. The country believes that its association with the group will strengthen its image and contribute to the recovery of its economy. Argentina has also expressed interest in joining the New Development Bank (NDB).



Meanwhile, Egypt and Ethiopia address criticisms regarding Africa's representation within the group, including concerns about the actual leadership of South Africa. Ethiopia's entry was facilitated by its role as the headquarters of the African Union (AU), which has been explored since 2013 at the Durban Summit as a primary means of strengthening relations between the BRICS members and the continent. Egypt, the second-largest economy in Africa behind Nigeria, joined the NDB in 2023, shortly after the United Arab Emirates, which became a new member of BRICS in 2021 [7].

Finally, and perhaps most controversially, the entry of Saudi Arabia and Iran poses a set of challenges for BRICS, both politically and economically. Politically, both are non-democratic countries, with Saudi Arabia being a monarchy and Iran a theocratic republic with a lifelong religious leader as its head of state. Unlike Saudi Arabia, which enjoys relative sympathy from the West, Iran's diplomatic relations with the United States have been severed for decades, and sanctions are regularly imposed on the country. Economically, both countries are members of the Organization of the Petroleum Exporting Countries (OPEC), with Saudi Arabia being the largest member [8] and also the largest economy in the Middle East. This adds a new dimension of influence to BRICS amid an increasingly fierce competition for access to energy resources.

Indeed, the entry of these new members into BRICS raises the argument about BRICS as a counterpoint to the G-7 [9] and the liberal international order. However, Brazilian authorities, in particular, have been keen to deny this notion. Brazilian President Luis Inácio Lula da Silva and his Minister of Economy, Fernando Haddad, were clear in stating that it is not the intention of BRICS to oppose the G-7, G-20, or the United States [10]. According to them, BRICS and its expansion reflect a shared interest among its members in organizing the Global South and advocating for important agendas for developing countries. They advocate for reforms in international organizations to ensure they reflect the current distribution of power and recognize the importance of countries like the BRICS in global politics and the economy.

The subtle but clear shift in BRICS' position on the United Nations Security Council (UNSC) indicates that the negotiations for its expansion were intense and have generated gains, at least in terms of rhetoric, especially for Brazil and India. The Summit Declaration explicitly calls for a "more democratic, representative, effective and efficient, and to increase the representation of developing countries in the Council's memberships [...] including Brazil, India and South Africa, to play a greater role in international affairs, in particular in the United Nations, including its Security Council" [11].

China, the main supporter of the expansion idea, and Russia, who sought a broader BRICS capable of creating and strengthening bridges in the face of Western sanctions, had to be flexible in their positions regarding this historic demand from their partners. Whether this will be realized remains to be seen, but it marks a fundamental change in position.

The expansion does not resolve a set of uncertainties about the future of BRICS; it actually amplifies them. While, on one hand, it reinforces the recognition and weight of BRICS in international politics, on the other, it challenges the group in terms of its cohesion and institutionalization. Will it be able to translate its political weight into concrete actions? Will it be perceived as a counterpoint to the G-7? How will it admit new members? Under what criteria? Will it remain an informal group or adopt rules and norms? These are just some of the numerous questions that the market and academia will delve into more deeply from now on.



Fonte: cxglobal

## Referências

[1] DALDEGAN, William; CARVALHO, Carlos Eduardo. Brics as a Dynamic and in Process Phenomenon of Global Planning: An Analyse Based on the 2009-2020 Annual Summit Declarations. Estudos Internacionais. Revista de Relações Internacionais. v. 10, n. 1, 2022 - ABRIL / Belo Horizonte, PUC/MG. ISSN: 2317-773X.

DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2022v10n1p117-147>

[2] NEW DEVELOPMENT BANK. 'AA+/A-1+' Ratings Affirmed; Outlook Stable (February 28, 2023).

Disponível em/ Available in: <https://www.ndb.int/investor-relations/credit-ratings/#tabbed-standard>

[3] HUMPHREY, Christopher. From Drawing Board to Reality The First Four Years of Operations at the Asian Infrastructure Investment Bank and New Development Bank. Working Paper of the G-24 & Global Development Policy Center of Boston. ETH Zürich Center for Development and Cooperation (NADEL). April 2020. DOI:

<https://doi.org/10.3929/ethz-b-000411422>.

[4] DALDEGAN, William. Opinion – Challenges for the Expansion of the BRICS. E-International Relations. Disponível em/ Available in: <https://www.e-ir.info/2022/06/09/opinion-challenges-for-the-expansion-of-the-brics>.

[5] THE WORLD BANK. World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files. 2023. Disponível em/ Available in:

[https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?most\\_recent\\_value\\_desc=true&view=chart](https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?most_recent_value_desc=true&view=chart).

[6] GLOBAL TIMES. More countries knocking on BRICS' door a sign the world needs fairer governance than West-dominated one. Opinion/Viewpoint. Published: Jul 16, 2022.

Disponível em/Available in: <https://www.globaltimes.cn/page/202207/1270661.shtml>.

[7] NEW DEVELOPMENT BANK. Founding Member Countries/New Members. 2023.

Disponível em/Available in: <https://www.ndb.int/about-ndb/members/>.

[8] ORGANIZATION OF THE PETROLEUM EXPORTING COUNTRIES (OPEC). Member Countries. 2023. Disponível em/Available in:

[https://www.opec.org/opec\\_web/en/about\\_us/25.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/25.htm).

[9] THE BRICS Club of Emerging Nations Debates Letting Others In. The New York Times. 2023. Disponível em/Available in:

<https://www.nytimes.com/2023/08/21/world/asia/brics-summit-members.html>.

[10] COLETTA, Ricardo Della. Lula nega que Brics queira se colocar como contraponto ao G7. Jornal Folha de São Paulo. 22.ago.2023. Disponível em/Available in: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/08/lula-nega-que-brics-queira-se-colocar-como-contraponto-ao-g7.shtml>>.

[11] XV BRICS Summit. Johannesburg II Declaration. BRICS and Africa: Partnership for Mutually Accelerated Growth, Sustainable Development and Inclusive Multilateralism. Sandton, Gauteng, South Africa. Wednesday 23 August 2023. Disponível em/Available in: <<https://brics2023.gov.za/wp-content/uploads/2023/08/Jhb-II-Declaration-24-August-2023-1.pdf>>.

## SOBRE O CEDEPEM

O Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM) surge a partir da consolidação de uma parceria oriunda do Grupo de Pesquisa do CNPq, denominado Política Internacional e Gestão do Espaço Oceânico, entre o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCPol) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e o Núcleo de Estudos Avançados do INEST da Universidade Federal Fluminense (UFF).

### Coordenações em Rede

As Coordenações em Rede constituem uma abordagem colaborativa. Significa liberdade de decisões dentro de suas áreas temáticas e grupos, visando a não ocorrência de cerceamento teórico. O conjunto ou coletivo do Centro de Estudos corresponde a quatro (4) coordenações regionais vinculadas a instituições parceiras.

### Nossa Proposta

A integração entre saberes e culturas diferenciadas proporcionará uma visão privilegiada de como trabalhar com duas áreas tão próximas: Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho. Portanto, o objetivo deste Centro de Estudos consiste em agregar diversos grupos de pesquisa dentro de uma perspectiva multidisciplinar, observando-se suas regionalidades, diversidades, visões e entendimentos de mundo.



<https://wp.ufpel.edu.br/cedepem/>



### Como citar este documento

DALDEGAN, W. A Expansão do BRICS: Desafios e Incertezas / The Expansion of BRICS: Challenges and Uncertainties. Etienne Villela Marroni e Fátima Verônica Pereira Vila Nova (Eds.). Policy Brief, Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM). Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Caruaru, PE: IFPE, v.1 , n. 2, 2023. 22p. [edição bilíngue]. Disponível em: [wp.ufpel.edu.br/cedepem/policy-brief/](https://wp.ufpel.edu.br/cedepem/policy-brief/)

### Informações de Contato:

Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM).  
cedepem@ufpel.edu.br